

Feminilidade e psicanálise: relato de experiência de estágio em psicanálise

Larissa Papaleo Koelzer

Resumo

Este trabalho é fruto da realização de um estágio supervisionado em Psicologia fundamentado na Psicanálise. A duração do estágio foi de quatro meses, mas as sessões continuaram por mais seis meses após o término do mesmo. O caso atendido era de uma mulher homossexual que apresentava inquietações quanto à sexualidade, relacionamentos e sua relação com a mãe. Esses temas foram bastante abordados durante as sessões e também nas supervisões. O estágio foi uma oportunidade de conhecer melhor esse campo de atuação, bem como a clínica psicanalítica e suas peculiaridades.

Palavras-chave: estágio, psicanálise, feminilidade, clínica psicanalítica.

Introdução

Este trabalho é fruto de um estágio supervisionado em Psicologia Clínica e fundamentado na Psicanálise. O estágio foi realizado no Serviço de Atenção Psicológica de uma Universidade Federal do país. O serviço foi criado em 1977, constituindo pré-requisito para a criação do Curso de Psicologia nessa Universidade, que teve início em 1978. O serviço propicia a realização de estágios supervisionados para os alunos do curso e também de projetos de pesquisa e extensão de professores.

Ali, são oferecidos alguns serviços como: atendimento psicológico de urgência e atendimento psicoterápico infantil, adolescente, adulto, familiar e em grupo. Além disso, é oferecido atendimento para dificuldades de aprendizagem, orientação profissional e preparação para a aposentadoria. As abordagens psicológicas utilizadas são quatro: sistêmica, Gestalt, psicanálise e comportamental. Todos os serviços prestados são de caráter público e gratuito por meio de contrato com o Sistema Único de Saúde (SUS).

No primeiro momento, o serviço tinha os objetivos de proporcionar atendimento psicológico a estudantes e funcionários da Universidade, desenvolver pesquisa científica na área clínica, com enfoque no comportamento humano, bem como criar condições básicas para a criação do Curso de Psicologia. Mais tarde, transformou-se num local onde os estudantes realizavam estágios e obtinham supervisão com os professores. Dessa forma, mais um serviço passou a ser oferecido à comunidade ao mesmo tempo em que foi uma forma de regulamentar o Curso de Psicologia.

Dentro dessa perspectiva e com a necessidade de responder à crescente demanda dos serviços oferecidos, os quais contemplam os princípios indissociáveis da Universidade: ensino, pesquisa e extensão, o serviço vem procurando oferecer diferentes possibilidades de atuação em Psicologia, caracterizadas por práticas que tenham como propósito último a promoção da saúde e qualidade de vida de seus usuários.

Objetivos do estágio em psicologia clínica

Objetivo Geral:

- Propiciar a vivência da prática da Psicologia Clínica, de modo a aplicar e ampliar os conhecimentos adquiridos durante nossa formação teórica.
- A prática está pautada no atendimento psicológico realizado no SAPSI.

Objetivos Específicos:

- Amparar as primeiras experiências profissionais por meio da supervisão que facilite a compreensão dos fenômenos emergentes nessa experiência.

- Utilizar os momentos de supervisão em grupo para compartilhar experiências individuais do estágio, ajudando a compreendê-las.

Atividades desenvolvidas

O primeiro semestre de estágio foi utilizado para preparação dos estagiários para a prática clínica. Para tanto, foram utilizados textos de orientação analítica, que aprofundaram temas presentes na prática cotidiana da clínica e também técnicas a serem utilizadas. As supervisões eram baseadas nas leituras e discussão dos textos e aconteciam uma vez por semana com duração de duas horas.

No segundo semestre, deu-se início aos atendimentos. Cada estagiário selecionou, das triagens realizadas, um paciente para realizar os atendimentos. Entrou em contato por telefone e foi marcado o primeiro atendimento, a ser realizado, assim como os seguintes, nas dependências do Serviço de Atenção Psicológica. Deu-se início a um processo de análise que teve duração de quatro meses com sessões realizadas uma vez por semana.

Durante o período de realização dos atendimentos, os estagiários foram supervisionados em reuniões semanais com duração de duas horas, nas quais todos relatavam os atendimentos e discutiam com o grupo e sob orientação do professor como prosseguir os tratamentos em curso.

Fundamentação teórica

Freud, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, mostrou que há uma disposição bissexual em todo ser humano e que o desenvolvimento psicosssexual singular resulta na formação da identidade sexual. Desde então, ficou conhecido que a sexualidade não se restringe à realidade do sexo anatômico. Ser homem ou ser mulher é uma questão para além de ter um pênis ou uma vagina.

Lacan constrói uma teoria do desejo centrada na noção de falo. Conforme Dör (1992), como “falo” deve entender-se “completude”, isto é, ausência de

falta. Que ele seja metaforizado pelo pênis na situação edipiana (fase fálica) significa que nesse momento a fantasia infantil pode atribuir ao órgão masculino o privilégio do acesso ao principal protagonista do campo desejante. Portanto, a posse do pênis (ter o falo) pode metaforizar a posição de sujeito absoluto, a posição daquele que “tem” a mãe (ou melhor: daquele que possui o amor incondicional de todos aqueles que estão situados no campo desejante).

Freud discutiu a questão da homossexualidade em vários textos, os mais conhecidos são: *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, sobretudo as notas de rodapé acrescentadas em 1925 e 1920), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), *O caso Schreber* (1911) e *Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher* (1920). Nesses trabalhos, Freud trata a homossexualidade como uma posição libidinal, uma orientação sexual, tão legítima quanto à heterossexualidade. Fundada no complexo de Édipo, a bissexualidade original vai constituir-se pela “escolha de objeto” ou “solução” do complexo de Édipo. Essa escolha constitui-se na base dos futuros investimentos libidinais, uma vez que investimentos libidinais homossexuais estão presentes no inconsciente desde o início da vida. O que podemos concluir é que homossexualidade e heterossexualidade são destinos pulsionais relacionados com a resolução edipiana de cada um (Ceccarelli, 2008).

Freud mostra que a sexualidade é uma função abrangente que tem como finalidade principal o prazer, e não a função biológica da reprodução, separando a sexualidade de uma relação com os órgãos genitais (Marques, 2010). Por isso, diferentemente dos animais, nos quais a sexualidade tem a finalidade única da reprodução, os humanos estabelecem diferentes formas de obter prazer através da sexualidade. “O objeto da pulsão é diversificado, anárquico, plural e parcial; exprime-se de várias formas: oral, anal, escopofílica, vocal, sádica, masoquista, dentre outras” (Ceccarelli, 2008, p. 75). Dessa forma, o conceito de normalidade deixa de fazer sentido. Guiada pela busca do prazer, a sexualidade escapa a qualquer tentativa de normalização. Em se tratando de sexualidade, não se pode falar em “natureza humana”.

Sendo assim, os chamados “desvios” sexuais não podem ser vistos como formações patológicas, e sim como resultados de um processo histórico

individual, assim como as sexualidades consideradas não-desviantes. Não se pode falar em heterossexualidade normal ou natural e homossexualidade doente ou desviante. Ambas resultam das construções psíquicas de cada sujeito em decorrência de suas experiências objetais (Garcia, 2002).

De acordo com Assoun (1993), o feminino se caracteriza pela importância crucial da pré-história edipiana das mulheres. A etapa pré-edípica é marcada por uma relação de ambivalência com a mãe e abarca grande parte das primeiras manifestações sexuais da menina. Nessa fase, o pai não passa de um intruso na relação com a mãe. Esse período é governado pelo complexo negativo do Édipo.

Segundo Freud, a mudança do objeto de amor da mãe para o pai, impelida pelo complexo da castração, lança as mulheres na forma feminina do complexo de Édipo. É nesse momento que, não havendo a elaboração da castração, poderá ocorrer uma abdicação da vida sexual ou assunção de um devir masculinizado (Gomes & Fernandes, 2002).

De acordo com Dör (1992), frente ao enigma da diferença entre os sexos, a atribuição fálica da mãe é uma das respostas elaboradas pela criança. A atribuição fálica é resultante da percepção de que algo falta, alguma coisa é faltante. A atribuição fálica institui um objeto fálico como estritamente imaginário e não está relacionada com a presença ou ausência do pênis. Na realidade, o que está em jogo não é o pênis em sua forma anatômica, e sim o pênis como atributo fálico; o diferencial que está presente em alguns e faltante em outros.

A criança vivencia um estado de identificação primordial em que nada falta. Ela é o objeto único de desejo do Outro, da mãe. Ela é o seu falo. Porém, existe o pai, que não é o pai biológico, e sim o pai representado pelo discurso da mãe, que constitui uma figura simbólica que exerce a função paterna ou função fálica e atuará como mediadora na economia do desejo da criança.

Com a entrada do pai simbólico, a certeza de ser o falo da mãe fica abalada. Na ausência de pai, pelo discurso da mãe, um “outro” é apresentado pela mãe à criança. A criança então começa a perceber que pode não ser o único objeto de desejo da mãe, pode não ser o objeto complemento da falta materna – o falo. Nesse momento, a criança passa a rivalizar com o pai, pois começa a

perceber que a mãe talvez deseje o pai. A criança não renuncia facilmente à função da mãe fálica, pois isso representaria para ela confrontar-se com o real da diferença dos sexos. Essa confrontação do real traria para a criança a renúncia da sua identificação como falo, objeto único de desejo da mãe, que não é interessante para a criança.

A vetorização do seu desejo em relação ao desejo do *Outro* mobiliza uma proteção fantasmática que se apoia na elaboração imaginária de *um objeto que supostamente falta*. Consequentemente, esta construção imaginária leva-a a um modo de intelecção da diferença dos sexos que se ordena na alternativa: *ser castrado ou não ser castrado* (Dör, 1992, p. 100).

Gomes & Fernandes (2002) afirmam que Freud chama de fase fálica a etapa do desenvolvimento psicosexual que atinge os dois sexos, na qual está em questão a posse ou não do falo. Nos meninos, a presença do atributo fálico gera angústia devido à iminente possibilidade de vir a perdê-lo, o que chamamos de angústia de castração. Nasio (1995) destaca que para Lacan a castração possui efeito a partir do reconhecimento do *Outro*. Dessa maneira, a castração não é propriamente o medo da mutilação, o corte do pênis, e sim um corte que atua sempre entre dois habitantes do mundo simbólico.

Dör (1992) lembra que Freud distingue três saídas possíveis para a angústia de castração: uma, em que o sujeito aceita e se submete à castração, com o risco de desenvolver uma inesgotável nostalgia sintomática da completude fálica (comum aos neuróticos obsessivos); nas outras duas saídas, os sujeitos somente aceitarão a castração com a condição de transgredi-la continuamente. Esse caminho é próprio do processo de perversão. A perversão, portanto, origina-se da angústia de castração e da mobilização permanente de processos de defesa com o objetivo de contorná-la. Freud ressalta dois desses processos: a fixação (associada à regressão) e a recusa da realidade, e aponta que esses dois processos parecem intervir preponderantemente nos casos de homossexualidade e fetichismo, respectivamente.

Ainda de acordo com Dör (1992), a homossexualidade seria resultado de uma defesa narcísica diante da castração. A criança teria fixado a representação de uma mulher possuidora de um pênis. Tal representação persistiria no inconsciente de maneira ativamente presente no dinamismo

libidinal. A homossexualidade masculina, vale ressaltar, seria então uma regressão à fase de completude, quando não havia diferença de sexo.

Estudo de caso

Identificação:

Nome: Ana*

Idade: 27 anos

Sexo: Feminino

Estado Civil: Solteira

Profissão: Estudante

Grau de escolaridade: Ensino Superior Incompleto

Total de atendimentos: 15

*Nome, estados e cidade fictícios, utilizados em virtude da necessidade de manter em anonimato a identidade da analisante.

Ana tem 27 anos, natural de Alagoas, estudante de um curso de graduação na Universidade Federal do Amapá e há cinco anos mora em Macapá. Tem um irmão dois anos mais velho, que mora em outro Estado com a mãe. Atualmente, divide apartamento com uma menina e dois meninos, também universitários. Acabou de sair de uma relação de cinco anos, deixando a casa e alguns pertences. A queixa inicial é com relação à sua sexualidade, identifica-se como homossexual e diz que não se reconhece no corpo de mulher.

Relatou que seus pais se separaram quando tinha cerca de dois anos, por isso não conhece seu pai. Destaca que sua mãe, além de alcoólatra, não aceita a homossexualidade da filha. A relação com a mãe é relatada pela analisante como difícil, sente-se humilhada e diz que a mãe só vê seus defeitos e que quer vê-la na pior; além disso, as duas já passaram quatro anos sem se falar.

Revelou ter sofrido tentativa de abuso pelo padrasto, que viveu com ela até seus 15 anos. Falou também do término de seu relacionamento: sua ex-namorada a traiu, o que a fez sair de casa, levando suas roupas e deixando vários pertences materiais. Relatou também ser muito “travada” (*sic*).

Questionada sobre o significante “ser travada”, relacionou com não conseguir se soltar, não conseguir ser espontânea.

O interessante é que o relato do abuso sexual não apareceu nas sessões posteriores. Poderíamos aqui nos perguntar se não se trata de uma fantasia da analisante. Já o fato de ser “travada” é uma questão que será central no trabalho terapêutico. Apareceu já na primeira sessão e será muito trabalhado ao longo das sessões seguintes.

Ana relata que já fez terapia uma vez, e a psicóloga disse que ela procura sua mãe em suas relações amorosas. Disse que isso faz sentido, uma vez que suas ex- namoradas tinham coisas em comum com sua mãe, como o fato de beber, de mentir, e, mesmo assim, Ana não conseguir sair dessas relações. Contou sobre seus dois últimos namoros, nos quais era traída e mesmo sabendo das traições continuou morando com a parceira, até chegar o ponto em que, segundo relata, “não dava mais”.

A analisante revela levar muito em consideração a opinião dos outros, que sempre pensa que está sendo julgada pelo fato de ser homossexual. Explorando esse sentimento ao longo da análise, Ana chega à conclusão de que ela mesma não aceita sua homossexualidade. Diz que não acha uma relação homossexual algo bonito, não acha natural, nem normal como as relações entre homem e mulher.

Ao longo das sessões, Ana deu-se conta que tem dificuldade em dizer não às pessoas e, por outro lado, a mesma dificuldade em receber uma negativa, pois não quer fazer aos outros aquilo que não quer que façam a si mesma. Com o tempo, disse que começou a se escutar mais e a tentar dar limites, a dizer não, quando alguém queria ficar com ela ou quando alguém lhe propunha algo que não queria.

Ana dizia que gostaria de ter nascido homem, pois assim tudo seria mais fácil; somente assim poderia se relacionar com mulheres sem ser homossexual. Segundo a analisante, desde criança protegia a mãe e dizia que iria com a mesma para qualquer lugar, dividiria as contas da casa se fosse preciso, como o pai deveria fazer. Dizia que era muito “moleque” (*sic*) quando criança e que era um homem num corpo de mulher. Ana dizia que não gostava

de ser tocada, e nas relações sexuais tinha prazer vendo que estava dando prazer à sua parceira. Ana não se permitia experimentar ser mulher.

Numa das sessões, relatou um episódio em que comprou uma cinta-liga e preparou o cenário para que sua namorada usasse. A namorada usou e gostou muito. Mas Ana disse que, se a namorada pedisse que usasse a cinta-liga, jamais faria, pois não conseguiria. Relatou também que usava um pênis falso e gostava muito, pois parecia que era seu, que era original. Porém sentia-se frustrada por não tê-lo e tinha receio de que a namorada não gostasse dela por isso e buscasse um homem que tivesse pênis.

O falo [...] é, portanto, ao mesmo tempo, o elemento que se inscreve fora da continuidade dos desejos, já que é em relação a ele que uma continuidade de desejo pode se constituir; mas também é ele o elemento que ordena a possibilidade de uma tal continuidade, visto que, fora de sua presença, o desejo não se desenreda do seu ancoramento inaugural (Dör, 1991,).

Podemos relacionar o que foi citado com o lugar de falo-complemento da mãe que a analisante vem ocupando. Estando nesse lugar não deseja, pois não há o que desejar; há a completude, a não-falta. A analisante vivencia um estado de completude, de não aceitação da castração. A questão da castração refere-se à falta, à incompletude; é porque algo falta que o sujeito se constitui como desejante. Para tanto, há que simbolizar essa castração.

Discussão

De acordo com Halberstadt-Freud (2006), as mulheres têm a primeira ligação homossexual com a mãe, com quem se sentem identificadas por ser a mãe o primeiro agente de erotização do corpo da filha, mantendo e renovando tal identificação por várias fases da vida. Como continuarão necessitando da mãe, é preciso que saibam administrar sua agressão para poderem separar-se dela. Frequentemente, as mulheres terão de movimentar-se entre o ódio e a ilusão simbiótica em relação à imagem materna. Como a identidade sexual da menina não está em jogo, como no caso dos meninos, essa separação não precisa ocorrer de forma radical.

A analisante é uma mulher muito ligada à sua mãe. Como citado

anteriormente, a menina precisa se separar da mãe e se dirigir ao pai para investir a libido. No entanto, Ana parece não ter se separado da mãe e continua ocupando o lugar de falo da mesma. É possível perceber isso no seu relato quando ela diz fazer tudo para agradar a mãe, buscando sua aprovação.

Ana se dizia uma pessoa sem desejo sexual, relatava não ter vontade de transar e isso lhe causava estranhamento, pois, com 27 anos, ela escutava dos amigos muitas coisas sobre sexo, que diziam gostar muito e não conseguir ficar muito tempo sem transar. Já para a analisante, esse assunto causava nervosismo e, nas sessões, quando falava sobre isso, costumava chorar e se emocionar. Relatava que no começo dos relacionamentos costumava transar com mais frequência com as parceiras e que, com o passar do tempo e ganho de intimidade, a frequência diminuía, pois já não procurava mais as companheiras.

Ana também trouxe em algumas sessões que sua mãe desejava ter um menino enquanto estava grávida dela, e quando soube que havia nascido Ana, uma menina, portanto, teria se decepcionado. De acordo com Zimmerman (2003), o ideal do ego da criança, o desejo dos pais em relação aos filhos, os projetos de como o filho deverá ser, muitas vezes já vêm traçados antes mesmo do nascimento e constituem as exigências do próprio sujeito com ele mesmo que persistem no adulto. Ana relatou que a mãe muitas vezes parecia tratá-la como se esperasse que fosse um menino, como se no fundo a mãe desejasse ter um filho. Porém, no decorrer das sessões, esse desejo da mãe parece ser muito mais um desejo de Ana, uma identificação dela com o masculino do que realmente uma imposição da mãe para que a filha se comportasse como tal. Podemos sugerir que a analisante encontra-se identificada com o desejo da mãe.

Segundo a analisante, sua mãe era uma figura muito autoritária. Grant (2002) destaca que em casos de homossexualidade feminina, com frequência, observam-se relações com figuras maternas marcadas pela tirania. Uma possível consequência é o sujeito ficar cativo desse Outro tirânico, identificado ao seu objeto de gozo, e, assim, construir relações amorosas pautadas nesse modelo, nas quais vivencia o gozo masoquista ou a frigidez. Em outros casos, pode-se observar a tentativa de ser amada por uma mulher mais velha como forma de tentar reviver a relação tida com a figura materna.

Ana trazia muito às sessões a questão de não se deixar tocar, principalmente nas relações sexuais. Não deixava que a parceira tocasse no seu corpo; “comandava”, era Ana que tocava o corpo da parceira, que investia para que começassem uma relação; dizia não gostar que a iniciativa partisse da companheira. Dizia também não se importar com o seu gozo, com seu prazer sexual, o que importava era a parceira gozar; se a parceira estava gostando, ela gostava também. Em relação a isso, Grant (2002) diz:

Quanto ao gozo, a homossexual mulher é extremamente dedicada ao gozo de sua parceira e é frequente trazer esse aspecto em análise como básico a sustentar seu relacionamento. [...] A sua maneira de lidar com a ‘inveja do pênis’ é mostrar ao homem, muitas vezes testemunha invisível, que mesmo não tendo o falo, é capaz de provocar o gozo, ou mais-de-gozo em sua parceira. Mais do que isto, ela busca fazer gozar a parceira, melhor do que o homem o faria (p. 143).

Gostaria de fechar o texto com as palavras do próprio Freud sobre a questão da homossexualidade feminina, as quais podem sintetizar todos os caminhos apontados aqui e nos incitar a mais questões e reflexões a serem desenvolvidas:

A experiência analítica realmente nos ensina que o homossexualismo feminino raramente, ou nunca, é continuação direta da masculinidade infantil. Mesmo para uma menina nessas condições, parece necessário que ela deva tomar seu pai como objeto por algum tempo, e ingressar na situação edipiana. Depois, contudo, em consequência do inevitável desapontamento com o pai, é forçada a regressar a seu complexo de masculinidade anterior. A importância desses desapontamentos não deve ser exagerada; uma menina que está destinada a se tornar feminina não é poupada deles, embora eles não tenham igual efeito. A predominância do fator constitucional parece indiscutível; mas as duas fases do desenvolvimento feminino se espelham bem nas práticas das homossexuais que desempenham entre si papéis de mãe e filha, com tanta frequência e tão claramente como os de marido e mulher (Freud, 1932-1936, p. 88).

O trabalho de análise não se deu por finalizado com o término oficial do estágio. Há muito ainda por ser trabalho. Não se trata de um caso fechado. Eu, como futura profissional psicóloga, acredito na importância desse espaço de aprendizagem tão rico para minha formação e optei por continuar realizando os atendimentos e recebendo supervisão. A analisante, por sua vez, declarou disponibilidade e interesse em dar continuidade às sessões. Assim, entramos num acordo de continuar a análise.

Considerações finais

A vontade de atuar, de experimentar a prática foi uma motivação que me acompanhou em grande parte da graduação e se intensificou na medida em que o estágio foi se aproximando, alimentando as mais diversas expectativas. Ter a possibilidade de passar por essa experiência envolveu frustrar algumas fantasias, questionar-me, desconstruir algumas certezas e, acima de tudo, surpreender-me.

O estágio se configurou como momento de crescimento pessoal, profissional e como membro do grupo de estágio. Posso dizer que assumiu, aos poucos, uma dinâmica própria: a minha. Sobretudo, fui me autorizando a estar naquele lugar que agora ocupava, aceitando e responsabilizando-me pelo meu modo de agir. Por trás desse modo de agir que é meu, descobri não só limites e dúvidas, mas também uma disposição para ouvir e ajudar.

As teorias, os temas estudados e as reflexões críticas puderam ser conectados com a prática que tive, dessa forma, como embasamento e pano de fundo; dar sentido à formação. Posso dizer que um dos principais aprendizados dessa experiência foi entrar em contato com as peculiaridades da clínica psicanalítica, até então desconhecidas para mim, e, principalmente, ver que realmente a teoria se confirma na prática, que os conceitos estudados podem ser percebidos nos casos que atendemos.

Esse estágio foi, antes de tudo, um desafio para mim, que imaginava muito complicada a teoria psicanalítica. Hoje, posso dizer que compreendo com mais facilidade alguns conceitos, que eles fazem sentido e que estão presentes, sim, na história de cada um. Também gostaria de dizer que me senti muito satisfeita com minha primeira atuação na área clínica. Embora sem dúvida com algumas falhas, acredito que o trabalho realizado tenha sido proveitoso não só para minha formação, mas também para a pessoa que foi atendida.

Por fim, reconheço a oportunidade ímpar do aprendizado em grupo. As supervisões, as discussões e os momentos em comum foram enriquecedores pela troca de conhecimentos e de experiências.

Referências

- Assoun, P. (1993). *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barbeiro, G. H. (2005). *Homossexualidade e perversão na psicanálise: Uma resposta aos Gays and Lesbian Studies*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: Estudos sobre o homoerotismo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Dör, J. (1992). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem* (3a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1905/2006). Um caso de Histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/2006). Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911-1913/2006). Cinco. O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920-1922/2006). Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Gomes, R. R. & Fernandes, A. H. (2002). A feminilidade e o inconsciente. *Pulsional*, 15(159).

- Grant, W. H. (2002). Considerações sobre a homossexualidade feminina. *Psyché*, 6(9), 137-150.
- Halberstadt-Freud, H. (2006). Electra versus Édipo. *Psychê*, 17(10), 31-54.
- Marques, L. R. (2010). As homossexualidades na psicanálise. *Trivium*, 1, 467-484.
- Nasio, J-D. (1995). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rieder, I. & Voigt, D. (2008). *Desejos secretos: A história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Valas, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Zimerman, D. E. (2003). *Manual de Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.

Femininity and psychoanalysis: report of experience internship in psychoanalysis

Abstract

This work is the result of the completion of a supervised internship in Psychology based on Psychoanalysis. The training period was four months, but the sessions continued for another six months after completion. The event was attended a homosexual woman who had concerns regarding sexuality, relationships and his relationship with his mother. These themes were quite covered during the sessions and also in supervisions. The stage was an opportunity to learn more about this field of work, as well as the psychoanalytic clinic and its peculiarities.

Keywords: stage, psychoanalysis, femininity, psychoanalytic.

Féminité et psychanalyse: rapport d'expérience de stage dans psychanalyse

Resumé

Ce travail est le résultat de la réalisation d'un stage supervisé en psychologie basée sur la psychanalyse. La période de formation est de quatre mois, mais les sessions poursuivie pendant encore six mois après l'achèvement. L'événement a réuni une femme homosexuelle qui avait des inquiétudes concernant la sexualité, les relations et sa relation avec sa mère. Ces thèmes ont été bien couverts pendant les sessions et aussi dans supervisions. L'étape a été l'occasion d'en apprendre davantage sur ce domaine de travail, ainsi que la clinique psychanalytique et ses particularités.

Mots-clé: stage, la psychanalyse, féminité, psychanalytique.

Feminidad y psicoanálisis: informe de experiencia de pratica en psicoanálisis

Resumen

Este trabajo es el resultado de la realización de una pasantía supervisada en psicología basada en el psicoanálisis. El periodo de formación de cuatro meses, pero las sesiones continuó por otros seis meses después de su finalización. El evento contó con la presencia de una mujer homosexual que tenía dudas respecto a la sexualidad, las relaciones y la relación con su madre. Estos temas fueron muy cubiertos durante las sesiones, así como en las supervisiones. La etapa ha sido una oportunidad para aprender más acerca de este campo de trabajo, así como la clínica psicoanalítica y sus peculiaridades.

Palabras-clave: pasantía, psicoanálisis, feminidad, clínica psicoanalítica.

Recebido/Received: 21.10.2013/21.10.2013

Aceito/Accepted: 6.11.2013/6.11.2013

Larissa Papaleo Koelzer

Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - LACCOS - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Florianópolis, Santa Catarina, Br). larissapk@hotmail.com